

LEITURA E MEDIAÇÃO: POR UMA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Maria Célia Ribeiro da Silva
Antônio Gomes da Silva
Ana Beatriz Cruz de Azevedo

RESUMO

Este relato de experiência representa o que vivenciamos no projeto de extensão “O que lê (e onde lê) o estudante do ensino médio das escolas públicas das comunidades vizinhas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Campina grande” (Edital n.º 009/2015 da Pró-Reitoria de Extensão– PROBEXT/ IFPB), cujo objetivo consistiu em averiguar que obras, consideradas fora do grupo da Grande Literatura, estavam sendo lidas pelos alunos da 1ª série do Ensino Médio da Escola Pública Antônio Oliveira, e em que locais essas leituras eram realizadas. Os instrumentos utilizados para o levantamento das obras lidas e para o mapeamento dos locais de leitura foram questionários e entrevistas orais. Neste artigo, delineamos, inicialmente, como se processaram essas ações e o que resultou delas, para em seguida relatarmos as intervenções que realizamos/vivenciamos no universo estudado, com vistas a criar um ambiente propício para a formação do leitor literário, tão ausente do cotidiano escolar daqueles alunos. Os modos de ler e o papel do mediador mostraram-se fundamentais para a construção de bases para uma formação leitora.

Palavras - chave: Literatura. Leitura. Mediação de leitura.

1 INTRODUÇÃO

Uma das imposições interiorizadas pelos estudantes é a obrigação de ler um certo número de textos canônicos dada a maneira privilegiada como a escola e a sociedade de um modo geral sacralizam tais textos. Ainda mais quando “Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles compõem parte de nossa imagem social” (ABREU, 2006, p. 19). Entretanto, observando o contexto contemporâneo em que os jovens estão cada vez mais conectados com as diferentes mídias e com os apelos do mercado editorial, a obrigação de ler grandes obras identificadas como representantes da “Grande Literatura” está longe de se cumprir, tanto fora da escola como no interior desta. O que se observa é o fascínio pela leitura de livros da literatura contemporânea (em sua maioria volumosos ou encarados

em seus vários tomos) que estão fora das chamadas “instâncias de legitimação” – como a universidade, as revistas especializadas, os livros didáticos etc – e que, portanto, não chamam o desejo à ordem, mas ao prazer de ler, à fantasia, à aventura, à convivência com temas da mitologia e até ao retorno ao mundo dos contos de fadas.

Nesse sentido, o projeto de extensão O que lê (e onde lê) o estudante do ensino médio das escolas públicas das comunidades vizinhas do IFPB – Campus Campina, que desenvolvemos em parceria com a Escola Estadual Prof. Antônio Oliveira, situada no bairro de Santa Rosa, em Campina Grande, procurou identificar que obras, não “certificadas” pelo crivo da “Alta Literatura”, estavam sendo lidas pelos alunos de duas turmas (A e B) da 1ª série do ensino médio dessa instituição de ensino, e em que locais essas leituras eram realizadas. Em face do que foi observado, o trabalho nos requisitou ir além do que havíamos planejado para a concretização do projeto, porque necessitava também da efetivação do compromisso social com aqueles alunos, haja vista acarência identificada na formação leitora destes na escola. Tendo em vista esses aspectos, a experiência aqui relatada compreende dois momentos – um de diagnóstico e outro de intervenção – que passamos a descrever e a refletir nos próximos itens.

2 DIAGNÓSTICO DE UMA SITUAÇÃO

Este primeiro momento que, a posteriori, avaliamos como sendo aquele que direcionou outras ações a serem implementadas no projeto, conduziu-nos a observar títulos de literatura que os alunos da escola parceira andavam lendo, títulos, vale dizer, em sua grande parte distanciados do padrão universalmente aceito, que elegem a dita “boa literatura” ou de temáticas consideradas pela escola como “deseducativas”. O mapeamento dos locais em que os jovens realizavam a leitura dessas obras foi também outro ponto que nos interessou, já que buscávamos descobrir se a leitura acontecia na escola e/ou em ambientes externos a ela.

Para a coleta desses dados, elaboramos um questionário construído a partir da leitura e discussão de textos relativos a) à natureza da leitura literária apontada no texto "A censura moralista" (LAJOLO, 2010) e ofertada, segundo essa autora, aos alunos da escola brasileira; b) à compreensão dos direitos do leitor e c) à construção de uma tipologia de leitores (CARNEIRO, 2010; PENNAC, 2008) espelhada em personagens leitores, tomados de contos e romances diversos. Concomitantemente à elaboração e aplicação desse questionário nas turmas da 1ª série do ensino médio, realizamos pequenas entrevistas com os alunos a fim de identificar algumas dúvidas concernentes às respostas dadas aos questionários, dúvidas estas,

por vezes, advindas dos próprios estudantes, que buscavam saber se podiam mencionar títulos de livros atrelados a sagas.

A catalogação dos títulos foi feita tomando como critério as áreas de interesse dos alunos entrevistados (fantasia, ficção, mitologia, aventura, narrativa sobre guerra, “literatura infantil” etc.), corroborando o entendimento de Antonio Candido em relação à literatura, para quem “a produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares” (CANDIDO, 1972, p. 804).

Nessa perspectiva, os livros foram catalogados considerando dois aspectos:

- a) livro que mais gostou de ler (Quadro 1) e,
- b) livros lidos fora da escola (Quadro 2).

Item	Autor	Título	Ocorrências
1	RIORDAN, R.	O último olimpiano	1
2	ROWLING, J. K.	Harry Potter e a pedra filosofal	1
3	GRIMM, Irmãos	Branca de Neve	1
4	RIORDAN, R.	O mar de monstros ou Percy Jackson e o Mar dos Monstros	1
5	REI, V.	Uma alemã chamada Ana	1
6	ZUSAK, M.	A menina que roubava livros	1
7	GREEN, J.	A culpa é das estrelas	2
8	HETZEL, G. B.	Posso dormir com você? (Infantil)	1
9	ROBERTS, N.	Doce vingança	1
10	SOUSA, M. de	Cebolinha	1
11	GRIMM, Irmãos	Chapeuzinho Vermelho	1
12	COLLODI, C.	As aventuras de Pinóquio	1
13	PLEC, J.	The originals (trilogia)	1
14	KINNEY, J.	O diário de um banana	1
15	CLARE, C.	Cidade dos anjos caídos	1
16	BANDEIRA, P.	Minha primeira paixão	1
17	ROWLING, J. K.	Harry Potter e as relíquias da morte	1
18	LEWIS, C. S.	As crônicas de Narnia	2
19	MEYER, S.	Crepúsculo	1
20	ALENCAR, J. de	O guarani	1
21	GUIMARÃES, B.	A escrava Isaura	1
22	GUIMARÃES, J.	Garibaldi e Manoela	1
23	GREEN, J.	Quem é você, Alasca?	1
24	KATSU, A.	Ladrão de almas	1
25	RIORDAN, R.	O ladrão de raios (Percy Jackson)	2
26	PULLMAN, P.	A bússola de ouro - Trilogia Fronteiras do Universo	1
27	MARTIN, G. R. R.	Games of thrones (Série As Crônicas de Gelo e Fogo)	1
28	BOYNE, J.	O menino de pijama listrado	1
29	JAMES, E. L.	Cinquenta tons de cinza	2
30	Vários autores	Bíblia	4

Quadro1 - Livro que mais gostou de ler. Fonte: própria dos autores do texto (2015)

Item	Autor	Título	Ocorrências
1	GUIMARÃES, J.	Garibaldi e Manoela	1
2	RIORDAN, R.	Saga Percy Jackson e os Olimpianos	1
3	ROWLING, J. K.	A saga Harry Potter	1
4	GRACIA, K.; STAOL, M.	Dezesseis luas	1
5	TOLKIEN, J. R. R.	O Hobbit	1
6	Vários autores	Bíblia	1
7	SAINT-EXUPÉRY, A. de	O Pequeno Príncipe	1
8	DUMAS, A.	O Conde de Monte Cristo	1
9	GRIMM, Irmãos	Cinderela	1
10	ROTH, V.	Insurgente	1
11	MEYER, S.	Crepúsculo	1
12	SPARKS, N.	Querido John	1
13	CUNHA, E. da	Os Sertões	1
14	DASHNER, J.	Prova de fogo	1
15	VIANA, V. de A.	Sabe de uma coisa? Diário de uma adolescente	1
16	COLLODI, C.	As aventuras de Pinóquio	1
17	GRIMM, Irmãos	Chapeuzinho Vermelho	1
18	GREEN, J.	A Culpa é das Estrelas	1
19	BAUM, L. F.	O Mágico de Oz	1
20	KINNEY, J.	Diário de um Banana	1
21	JAMES, E. L.	50 Tons de cinza	1
22	ZUSAK, M.	A Menina que roubava livros	1
23	BANDEIRA, P.; ALMEIDA, E. M. de	Minha primeira paixão	1
24	MACHADO, A. M.	Bisa Bia, Bisa Bel	1
25	MEYER, S.	Lua Nova	1
26	KATE, L.	Fallen	1
27	CASS, K.	A Seleção	1
28	SPARKS, N.	A última música	1
29	COLLINS, S.	Jogos Vorazes	1
30	TOLKIEN, J. R. R.	O Senhor dos Anéis	1
31	CHBOSKY, S.	As vantagens de ser invisível	1

Quadro2 - livros lidos fora da escola Fonte: própria dos autores do texto

Os resultados divulgados nas tabelas 1 e 2 apontam para o foco na leitura de textos da literatura estrangeira contemporânea, dos *best-sellers* e até dos contos de fada, motivações que podem estar associadas a questões de mercado editorial, ao prestígio do autor, normalmente associado à sua exposição na mídia, à apreensão e à compreensão da obra pelo público jovem, à influência das comunidades de leitores a que os estudantes pertencem ou estão vinculados na escola ou fora dela. Não menos importantes, também, são as influências da internet, a adaptação dos livros em filmes e as opiniões emitidas por jornalistas ou colaboradores de revistas responsáveis pela divulgação de listas de livros mais vendidos.

Os jovens dão demonstrações gratuitas e desinteressadas de que a leitura é livre, não chama o desejo à ordem, pelo menos do ponto de vista das escolhas que fazem e que estão fora do crivo institucional. Não poderiam estas escolhas constituírem parte do círculo de obras indicadas para leitura e discussão nas aulas de língua portuguesa, já que aparecem, seja por uma motivação ou por outra, atreladas ao cotidiano dos jovens leitores?

Mas, ora, é justamente a escola o lugar apontado pelos alunos como pouco aprazível para a atividade leitora, restringindo-se, por vezes, ao ambiente de sala de aula e à biblioteca. Fora do contexto escolar, sobressaem lugares como a casa dos estudantes, praças, parques, casas de familiares e amigos. A própria casa é o local onde a maioria dos estudantes costuma realizar a leitura de obras da literatura estrangeira, dos *best-sellers* e de alguns contos de fada, confirmando a autonomia dos jovens leitores para optar pelas leituras livres, fora das "leis" da escola que fazem do ato de ler um dever (BARTHES, 1984).

A forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens na escola, e até na faculdade, regida sob o viés de uma teoria ou da história literária, resulta, segundo Todorov (2009), em perigo, porque o contato não se dá mediante a leitura de textos literários propriamente ditos. Por consequência, os estudantes não têm acesso à literatura como um exercício sobre ela mesma, sem "censura moralista que vê, na temática de certos livros, riscos para... Para o que mesmo? Para a saúde psíquica? Para a moral? Para o comportamento dos jovens? Para tudo isso?" (LAJOLO, [2010]). É ainda Lajolo quem acrescenta:

Certas religiões não admitem livros que falem de bruxas e de magos, algumas pedagogias expulsam dos contos de fadas a figura da madrasta malvada ou das cantigas de recreio a dona Chica-ca-ca que atirou o pau no ga-to-to. Mas campeões de reclamações, às vezes ásperas e estridentes, são os livros que trazem questões de sexualidade para linhas, entrelinhas e ilustrações.

Teriam algumas dessas questões, além daquela advinda de uma concepção elitista de cultura, contribuído para a não aceitação no circuito de leitura na escola (quando há) de alguns desses livros e de outros cujos títulos não aparecem nas referidas tabelas? Não é o que queremos crer se, como bem afirma Todorov (2011, p. 187), “A lei da arte é diametralmente oposta à lei moral [...] Em certos casos, a criação artística é [...] uma necessária atrofia da consciência, essa falha sem a qual a arte não existe. Se quisermos que a arte sirva ao bem, será porque já renunciamos à arte”.

Não se trata de tomar a literatura como algo que “edifica ou corrompe”, mas considerar como se dá o trabalho com o texto literário na sala de aula, como se movimentam a interpretação, os sentidos construídos para esse texto na interação que o leitor estabelece com o mediador, representado, neste caso, pela figura do professor, ou por alguém que se coloca diante da literatura na missão de estender a outras pessoas o gosto ou a fruição pela leitura literária. Segundo Micheletti (2002, p. 19), “para tornar-se um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos, [é necessário] que ele [o professor] se abstenha de seu papel de guardião do saber, sem abdicar, contudo, de sua condição de leitor mais maduro”.

3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Considerando que para os alunos da 1ª série do ensino médio a leitura na escola não representava uma prática cativante e, podemos dizer, frequente, resolvemos criar um espaço de socialização da leitura por meio de rodas de conversa, leitura dramática e de leitura cênica – esta última definida como uma situação em que os atores, sustentando o “texto em mãos” (PAVIS, 2010), apropriam-se deste para ler e representar. Montamos, para isso, uma antologia de contos, composta por sete textos, levando em conta o interesse de leitura dos alunos demonstrado na apresentação dos títulos de obras lidas. A coletânea foi composta por “A biblioteca”, de Mercedes Cavalcanti, “A vaca”, de Moacyr Scliar, “A Bela Adormecida”, versão de Charles Perrault, “A menina dos fósforos”, de Hans Cristian Andersen, “Charutinho”, de Michel da Silva, “Jacob e a Mulher Vestida de Sol”, de Antônio Gomes da Silva (bolsista do projeto) e “Como conversar com garotas em festas”, de Neil Gaiman.

Em relação à leitura da antologia, orientamos para que esta fosse realizada em casa, para posterior discussão em sala de aula. Observou-se, no entanto, que poucos alunos leram os textos. Os contos mais apreciados pelos que afirmaram ter realizado a leitura da antologia

foram “A vaca”, de Moacyr Scliar, “Como conversar com garotas em festas”, de Neil Gaiman, e “A biblioteca”, de Mercedes Cavalcanti. Destaca-se, aqui, o fato de os autores dessas narrativas pertencerem a uma geração contemporânea da literatura e também o fato de as histórias se harmonizarem pelo viés das relações afetivas, aspectos que, provavelmente, chamaram a atenção dos alunos.

Apesar do desencontro quanto à expectativa em relação à leitura da antologia pelos estudantes, a recepção ao material lido, na roda de leitura, foi mais animadora, particularmente no 1º Ano A, turma em que os alunos aparentavam pertencer a uma mesma faixa etária e que, a nosso ver, esboçaram um quadro de interação diferenciado, em relação ao 1º Ano B. Nessa segunda turma, os estudantes mostraram-se dispersos, pouco interagindo na roda de conversa, sem contar os ruídos e problemas internos e externos à sala de aula que prejudicaram em parte o andamento da atividade. Em determinado momento do percurso, não foi possível permanecer com a turma B, devido à incompatibilidade de horário das aulas com o que fora programado para o projeto.

Em meio a essas questões, há que se destacar três momentos significativos na abordagem de contos da antologia citada, evidenciados pela mediação da leitura, com vistas a contribuir para a formação do leitor literário. O primeiro deles refere-se à leitura de “A menina dos fósforos”, de Hans Christian Andersen, que compreendeu um dos focos da roda de conversa com as duas turmas. Houve aqui uma movimentação singular dos alunos, principalmente na turma A, no sentido de dialogarem com os interlocutores que conduziam a abordagem do conto através de perguntas que visavam dissecar os contextos de produção, de representação e de recepção (AMORIM, 2003) do texto em estudo, construindo, assim, um modo partilhado e prazeroso de ver a leitura. Um exemplo desse momento está num flagrante de leitura de um livro de contos de fadas (ilustrado), que passamos de mão em mão, e que uma aluna da turma B tomou para si e começou a ler, à medida que discutíamos o texto de Andersen.

O segundo momento foi caracterizado quando um dos integrantes do projeto, juntamente com o auxílio de um colega convidado, realizou a leitura dramática de “A biblioteca”, de Mercedes Cavalcanti, com o intuito de dar uma impressão de teatro à situação de leitura e, ao mesmo tempo, possibilitar, posteriormente, a construção coletiva de sentidos para esse texto. A leitura dramática do conto e a discussão orientada que se seguiu despertaram o interesse dos alunos que, embora não tivessem o hábito da leitura de textos literários, nem do debate e da expressão criativa em sala de aula, não se privaram de observar,

escutar, falar, perguntar, responder, ainda que de modo tímido, indefinido, não sistemático, porém, mostrando-se capazes de interagir motivados pelo papel dos mediadores.

O terceiro momento foi marcado pela leitura cênica do conto “Como conversar com garotas em festas”, de Neil Gaiman, que teve a participação dos alunos do 1º ano A, coordenados pelos agentes mediadores da leitura (os integrantes do projeto), que apontaram possibilidades para a criação da cena, como também para o processo de apropriação do texto escrito pelos alunos, incluindo aqui a atenção que deveria ser dada ao caráter performancial da leitura.

O que se seguiu a essa atividade que procurou aproximar leitura de texto e teatro foi a discussão do conto mediada pelo levantamento de algumas questões, como: a) O título do livro do qual foi extraído o conto “Como conversar com garotas em festas” chama-se Coisas frágeis. Que relação pode-se estabelecer entre o título do livro e o conto em questão?; b) Que tipo de reação você sentiu em relação às características e às ações dos personagens apresentadas neste conto?; c) A literatura fantástica “caracteriza-se por problematizar e desestabilizar as noções de ‘realidade’, ‘normalidade’ e ‘possível’ - daí seu poder de causar surpresa, estranhamento, desconforto, insegurança ou medo no leitor”. A partir dessa definição, é possível caracterizar este conto como “fantástico”? Enumere aspectos do texto que justifiquem sua resposta.; d) Que sentidos podem ser atribuídos a esse texto, considerando os *contextos de produção, representação e recepção*? Esta foi uma das atividades das mais participativas, em que se percebeu o engajamento de uma boa parte dos alunos tanto no envolvimento da leitura cênica do conto quanto na participação das discussões.

4 CONCLUSÃO

A Escola Estadual Profª. Antônio Oliveira apresenta, como muitas outras escolas públicas, grandes deficiências – materiais, educacionais, motivacionais, dentre outras. Mas, uma característica humana que mesmo as mais precárias condições não conseguem apagar de modo definitivo é a curiosidade, presente na maioria das atividades que desenvolvemos.

O resultado dessa experiência com a leitura e com a formação do leitor literário nos conduziu a algumas reflexões e conclusões:

- 1) os alunos tendem a interagir com a atividade leitora desde que devidamente orientados para tal finalidade;
- 2) a oferta de textos da literatura contemporânea, desde que devidamente discutida, avaliada, constitui-se uma porta de entrada para ampliar o mundo do leitor jovem;

3) o trabalho com a leitura ainda não se configura na escola como uma prática interlocutiva entre sujeitos que visam construir sentidos para o texto, considerando a participação ainda incipiente dos alunos nas rodas de conversa que promovemos;

4) os alunos estão, sim, dispostos à leitura literária, cabe, no entanto, fundamentar o professor para exercer o papel de mediador da prática leitora, papel este que não só valorize as diferentes preferências de leitura dos jovens leitores, como também promova uma leitura efetiva dos textos.

READING AND MEDIATION: BY TRAINING OF THE LITERARY READER

ABSTRACT

This experience report represents what we lived in the extension project “What the high school student from IFPB-CG’s neighboring communities reads (and where does he read)?” (IFPB – official announcement no. 009/2015 – PROBEXT), whose objective consisted in investigating which works, considered outside the Great Literature’s group, were being read by the first high school year students from the public school Antônio Oliveira, and where those readings were held. The instruments used to the read works survey and the reading places mapping were questionnaires and oral interviews. In this article, we outlined, in first place, how these actions were processed and what they resulted, so, then, we could report the interventions realized/experienced in the studied universe, aiming to create a propitious environment for the formation of the literary readers, so absent from the school daily life of those students. The reading ways and the mediator’s role proved to be essential for the foundations’ construction for a reading formation.

Keywords: Literature. Reading. Mediator’s role.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006, (Coleção paradidáticos).

AMORIN, J. E. Leitura, análise e interpretação. In: PINHEIRO, H. (Org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande, PB: Bagagem, 2003.

BARTHES, R. Sobre a leitura. In: _____ **O rumor da língua**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, São Paulo, julho de 1972.

CARNEIRO, F. **O leitor fingido**: ensaios. Rio de Janeiro: Rooco, 2010.

LAJOLO, Marisa. **A censura moralista**. [2010]. Disponível em:
<<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral.a-censura-moralista,594723#noticia>> Acesso em: 12 maio 2015.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). **Leitura e construção do real**: o lugar da poesia e da ficção. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PAVIS, P. **A encenação contemporânea**: origens, tendências, perspectivas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PENNAC, D. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008. (Coleção L&PM Pocket).

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará mundo. Wilde, Rilke e Tsvetaeva**: os aventureiros do absoluto. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011.